

V Domingo da Páscoa (03/05/2026)

«Eu sou o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14,6).

Esta afirmação de Jesus, proclamada no Evangelho deste domingo, constitui uma das sínteses mais densas da fé cristã. Nela, revela-se não apenas quem Cristo é em si mesmo (dimensão objetiva da fé), mas também o modo como o crente é chamado a relacionar-se com Ele (dimensão subjetiva). Ou seja, ao mesmo tempo que nos é dada uma verdade a acolher, somos também convocados a uma adesão pessoal que transforma a vida.

Desde o início, Jesus dirige um apelo claro: «Acreditai em Deus, acreditai também em mim» (Jo 14,1). Este apelo não introduz duas fés distintas, mas um único ato de fé, no qual se unem inseparavelmente estas duas dimensões: por um lado, a confiança pessoal do crente; por outro, a verdade objetiva de que Cristo é um com o Pai. Como Ele próprio afirma: «quem me vê, vê o Pai» (Jo 14,9). Assim, a fé cristã não é apenas acreditar em algo verdadeiro, nem apenas confiar subjetivamente — é confiar em Alguém que é a própria Verdade. Crer é lançar-se por inteiro, como quem se abandona sem reservas, nas mãos d’Aquele que tece a história e sustenta, em silêncio, o pulsar de toda a criação.

Assim, a fé respira dessa unidade profunda: não há entrega do coração que não brote de uma verdade que a sustente, nem há verdade revelada que permaneça à margem, pois ela sussurra ao íntimo e pede morada. Crer é, ao mesmo tempo, abrir os olhos à verdade de Deus manifestada em Cristo e deixar-se repousar nela, com confiança serena, como quem encontra abrigo no eterno.

É aqui que se encontra o coração do cristianismo: Deus fez-Se homem em Jesus Cristo. Este mistério, confessado objetivamente pela fé da Igreja, só se torna plenamente fecundo quando é acolhido subjetivamente na vida de cada crente. Não basta saber quem é Jesus; é necessário viver em comunhão com Ele. A fé não se reduz a um assentimento intelectual, mas realiza-se como relação viva que transforma o coração. Não basta nomear Jesus como caminho — é preciso deixar que os passos se confundam com os d’Ele, e fazer da própria vida uma estrada percorrida em sua companhia.

Essa transformação acontece pela graça, mediante a qual o crente participa na própria vida de Cristo. A verdade objetiva da fé — Cristo vivo — torna-se, assim, vida interior do crente, como exprime São Paulo: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (Gl 2,20). Aquilo que é confessado exteriormente torna-se existência interior.

Quando Jesus afirma «Eu sou o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14,6), revela novamente esta unidade profunda.

Cristo é o Caminho: objetivamente, é o único mediador entre Deus e os homens; subjetivamente, é Aquele que cada um é chamado a seguir concretamente na sua vida. Não indica apenas uma via — Ele próprio é a via que se percorre.

Cristo é a Verdade: não como conceito abstrato, mas como revelação plena de Deus. Esta verdade, que a fé acolhe objetivamente, ilumina interiormente o crente, dando sentido à sua existência. N'Ele, compreendemos não só quem é Deus, mas também quem somos nós.

Cristo é a Vida: fonte da vida divina que nos é oferecida. Esta vida, objetivamente presente em Cristo, torna-se subjetivamente nossa quando participamos nela pela fé e pela graça. Não é uma ideia, mas uma realidade vivida que vence a morte e abre à comunhão eterna com Deus. E quem acolhe essa vida já agora descobre, sob os próprios passos, um caminho tecido de esperança e iluminado por uma alegria que não se desfaz.

Assim, a fé cristã aparece como um movimento único: da verdade que nos é dada à vida que nos transforma; da revelação acolhida à comunhão vivida. Não há separação entre o que se crê e o modo como se vive — ambos se implicam mutuamente.

Por isso, também a esperança nasce desta unidade: a promessa de uma morada na casa do Pai não é apenas uma verdade a acreditar, mas uma realidade que já começa a ser experimentada na vida daquele que vive em Cristo. Quem sabe que no Céu há uma morada à sua espera caminha pelo presente com o coração leve, habitado por uma alegria que floresce e uma esperança que não se cansa. Ninguém derruba aquele que já encontrou lugar no coração do Pai — ali onde o amor o guarda e o chama pelo nome.

Percorramos, então, os caminhos da vida fazendo de Cristo o nosso Caminho, acolhendo na fé a Verdade que Ele é e deixando que essa Verdade se torne vida em nós. Assim, entre sombras e claridades, caminharemos firmes até à plenitude que n'Ele nos é prometida.

Ámen.

P. Emanuel Brandão